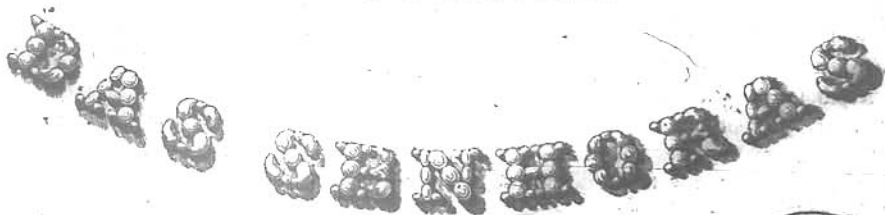


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.



☞ programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ☞

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Completarão-se no dia 1.º do corrente seis mezes da existência do *Jornal das Senhoras*, que, sob a redacção em chefe da Illm.ª Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha radiante e esbelto se vos apresentou em tão longo espaço. Motivos, porém, imperiosos obrigão á dita nossa Illm.ª amiga a attender á outros deveres, e por conseguinte a não dirigir a redacção d'este periodico. Sobre mim recahi a escolha para tão pesado encargo, e comquanto baldia dos conhecimentos e illustração que adornão a Illm.ª Sra. D. Joanna, eu empenharei todos os meus esforços para imitar e seguir a senda que se ella traçou na redacção deste jornal, que no espaço de seis mezes vos offereceu 215 paginas de impressão—mais do que houvera prometido, contendo ellas artigos originaes sobre a educação da mulher, seus deveres e posição social, e muitos outros, moraes e religiosos; muitas poesias, e artigos sobre modas, theatros, bellas artes... e um lindo romance.

Não arripiaremos na carreira encetada pela nossa illustre amiga, emquanto o *Jornal das Senhoras* fôr protegido por vós, emquanto os amigos da litteratura continuarem a sustentá-lo com a dignidade que tem patenteado.

Novel na carreira litteraria não vos posso offerrecer altas garantias acerca de meus cabedades de intelligencia, e nem pomposas promessas vos

quero fazer—porque—peço que fizer em prol do *Jornal das Senhoras* vós me julgareis então mais acertadamente.

Não lemos em mira o interesse do outro, por que nem cabe isso no nosso sexo, nem tão pouco é esta a ideia primordial dos que criárão este jornal.

No semestre corrente melhoras consideraveis apresentará o *Jornal das Senhoras* no que diz respeito a—figurinos—porque na parte litteraria a ausencia da Illm. Sra. D. Joanna difficilmente poderá ser substituida.

Apresentando-me á vós, eu ousou pedir-vos que continueis a favorecer, como eis feito, o *Jornal das Senhoras*, para que elle attinja ao gráo de perfeição de que é merecedor.

— Prosperos dias aguardem a nossa Illm.ª amiga a Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha; que ella não nos deixe e que não desampare o *Jornal das Senhoras* que sob a sua egide tanto ha prosperado, e para o qual devemos invocar tambem o auxilio de Deus... e a protecção de todos.

Acceitae, minbas amigas, os meus protestos de pura affeição por vós, a quem mit bens appeteco.

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vallasco.

Redactora em chefe.

MODAS.

Mal pensava eu, querida leitora, quando escrevia o meu ultimo artigo dando-vos a alegre noticia da publicação dos nossos novos figurinos, que logo depois receberia uma assestada carta, cheia de termos amigaveis e sinceros (desta frase a que não se pôde resistir) participando-se-me a entrada da nova redactora em chefe deste Jornal e ao mesmo tempo pedindo-se-me (e que pedir tão seductor...) a continuação da fraquissima co-operação dos nossos humildes arfiquinhos de modas. Foi por certo um acto de delicadeza e bondade da nossa nova redactora que mais me obriga a cumprir gostosa aquillo mesmo que eu já vos havia promettido domingo passado.

Houve por tanto mudança de ministerio, mas a politica é a mesma.

E' a Illm.^a Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, filha do Sr. conselheiro Bivar, a redactora em chefe do JORNAL DAS SENHORAS. Brasileira illustrada e espirituosa nos virá mitigar a saudade que nos deixa nesta redacção a Illm.^a Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha, nossa amiga querida, a quem damos o nome de haver largado o honroso encargo que tão dignamente preencheu: é penoso para quem a outros misteres da vida tem de applicar os seus cuidados.

Não obstante, eu alimento a agradavel esperanza de que de todo não nos deixará ella. Oh! sem duvida; tanta intelligencia e sabedoria as composições dramaticas não absorverão só para si! a nós tambem nos tocará um bocadinho de vez em quando.

Eis pois realisado, querida leitora, o que eu vos havia promettido com tanto prazer quanto é o desejo de vos agradar e de ser util em alguma cousa.—Dous lindissimos figurinos em uma brilhante estampa todos os domingos, excepto o ultimo de cada mez, em que por variar tercis uma peça de musica.

Para principiar, ahí tendes já presentes os dous primeiros figurinos. Agora faizei o favor de miral-os bem, avaliai-os segundo o vosso bom gosto, comparai com quaesquer outros que tenham sido publicados em o nosso paiz, e dizei-me imparcialmente se pequei por exaggerada quando vos

assegurei, que os nossos figurinos são os de mais fama e os da primeira plana em Paris.

Dito isto de passagem, para não me parecer com certos especuladores que encarecem o que é seu, desfazendo no que é do vizinho, porque só elles querem vender a sua fazenda, lembravos-hei o que disse a minha antecessora em um dos seus primeiros arfigos: « A moda que se appellida—bon-tom—não se encerra em executar obediente e cegamente, ponto por ponto, os immensos desvanecios della, a multidão incommensuravel dos seus detalhes e a fantasia continuada de suas novidades; pelo contrario, consiste em saber accomodar com arte e gosto ás feições do rosto, á nossa idade e posição, tudo o que de melhor e de mais effeito nos apresenta a moda sem com tudo nos sobrecarregar-mos de mil enfeites e adornos, muitas vezes lindissimos na pintura e excessivos na execução. » Eu sou da mesma opinião—voto em favor da materia.

Muitas elegantes votão comigo pelo que presenciei no baile Campestre e no Cassino ultimamente. Seu rico e brilhante *toilette*, guardando as conveniencias das côres e da symetria, estreado no magico Cassino, comparado com o singelo mas elegante *toilette* no alegre Campestre, não me deixarão nenhuma duvida a este respeito.

Que lindo que era o grupo daquelles seis cherubins que adejavão pelo salão do Cassino! como que derramando a vida nos corações e os encantos á vista humana! Aquella elegante *carijóznha* como é feitiçeira! Mais dous annos só; e teremo; uma gentil belleza digna de todas as adorações. Os homens digão o resto.

Sabeis em que eu noto algum abandono ás vezes? No penteado. Em algumas feições talvez fossem melhor os bandós oudeados, em outras os bandeletos ou as pastas, em outras os caracões frisados ou os caixos; em umas—flores, rendas, folhagem, as modernas tranças de ouro ou de prata; em outras—nada—só o seu cabello. E' um particular estudo, que não devemos julgar propriedade sómente dos cabelleiros. E elles que andão sempre com tanta pressa...

Vereis nos presentes figurinos dous diversos penteados de muito bom gosto, mas notareis para adiante a variedade dos que forem apparecendo que, pela escolha que delles tiverdes de fazer, precisamente confirmarão a necessidade de combinar feições, a primeira das mais caprichosas alterações do *toilette*.

Eis a descripção da estampa, conforme pôde ser des'a vez.

Discripção da estampa.

A primeira figura representa um delicado *toilette* para theatros ou grande jantar.

Saia de *gros*, de *Naples* cinzeito claro com cinco folhos em disposição, o que quer dizer — que estes folhos são feitos da barra escoceza que já traz a fazenda e que a modista a corta em pequenos pedaços, da largura que se quer o folho, e depois ajunta-os e fôrma delles esses cinco engraçados folhos atravessados—Collete, de rebuço bordado, de renda branca forrado de chamalote da mesma côr, fechado por cinco pequenos botões de seda e deixando apparecer parte de uma modestia de cambraia de lialho e renda guarnecida com duas ordens de estreitos roquetes—Casawek redondo, da mesma fazenda da saia, enfeitado em volta de fita escoceza encrespada, imitando as côres da barra, mangas quasi curtas, por ser *toilette* de cerimonia, e abertas tres polegadas pelo lado de fóra, mostrando todo o meio braço, com a mesma fita encrespada e duas ordens de renda sobreposta em guarnição—Penteado de renda *maline*, pontas fluctuantes com duas tufas de flores do campo sobre bandós fortemente ondeados.

A segunda figura representa um *toilette* de baile que vae primeiramente apparecar no theatro, por isso traça um *Pardessus*, para servir nessa occasião, de velludo azul meia côr guarnecido de trança de prata, lindo e elegante como estas vendo.

Vestido de nobreza branca com a saia ornada de nove guarnições de renda de bico, de tres polegadas de largura,—Corpo a Luiz XV com o mesmo ornamento de renda mais estreita até a decôte, ao qual acompanha, como rematando a progressão dos enfeites, uma outra renda encrespada voltada para cima —Um grande fio de perolas em tres voltas cahindo a terceira sobre o peito—Penteado de meios bandós—fortemente ondeados em fôrma de canudos, circulando toda a cabeça uma graciosa corôa de trança, no centro da qual sobresaê o moderno pente marchetado de prata e perolas, que completa este candido e lindissimo *toilette*.

Deveis notar, querida leitora, a distincção especial entre estas duas figuras: ambâs representam dois *toilettes* de rigor, mas uma é para uma joven solteira, por isso seu elegante peito e pescoço estão nus—nem os brincos apparecem. A graciosidade de seu trajar revela a todos os

corações a sua posição na sociedade. O outro é para uma senhora casada; este *toilette* tambem é vaporoso e encantador, mas está carregado de perolas e diamantes. As elegantes parisienses guardão estas distincções da moda com todo o requinte da arte e conveniencias da sociedade.

Adeus: até a semana que vem.

Infante—2 de Julho.

Christina.

A' POESIA.

Sim, poeta: a sociedade te comprehenderá melhor que os sabios, e que os eruditos. Os teus magicos preludios não serão perdidos, nem infecundos. Prosegue no teu glorioso empenho: caminha sempre desde o albor da tua aurora até ao futuro de esplendor e de gloria que te espera. Cantaste as dores do coração, os mysterios da alma, as maravilhas da natureza, e o poder da inspiração; matizaste com as tintas da luz do oriente as sombras da idade passada, e nos mostraste uma luz fulgurante no fundo dos antigos sepulchros. Prosegue. Talvez que o destino te reserve outra carreira, e te prepare outra coroa: ha de a tua poesia lançar-se para um novo periodo mais philosophico e mais brilhante: tu conheces que o presente não é digno de ti, porém deves de saber tambem que o passado é esteril, que o que uma vez morreu jápmais resuscita, assim como é lei da providencia que a humanidade não retrograda nunca. O provir te aguarda, —esse provir mysterioso que pára sobre toda a Europa e com cujos encantos sonhamos, como sonhamos, na adolescencia com os encantos e com as graças de uma criatura mimosa que advinhamos no coração. Essa idade porque suspira a juventude,—essa idade invocada pelos votos dos nossos corações,—essa idade—terra de promessa neste desterro para as nossas religiosas e fervorosas esperanças, é tua, ó poeta; e antes de nós, deve lá chegar essa phantasia que vai com todas as velas vogando pelo mar dos tempos. A tua musa está reservada pintar essas desconhecidas maravilhas, e rasgar aos nossos olhos o véu, através do qual tão vagamente nos parece lobrigar alguma luz consoladora. Só tu serás capaz de realisar com as tuas propheticas criações, esse apocalypso da intelligencia, essa época de reorganisação e de harmonia, em que a grandeza dos antigos tempos se mutiplique pelas

Bellezas e progressos da civilisação moderna, despojada esta do seu egoismo, como aquelles do seu barbarismo,—em que uma lei universal de justiça de sabedoria e de liberdade reuna em uma familia commum as nações agora isoladas, e em que uma religião de paz e de amor realise sobre a terra o glorioso destino que se reserva á humanidade.

Sim, poeta. Talvez que os teus versos nos pintem o que os politicos não se atrevem a calcular; talvez que ao teu canto se revele, o que á philosophia não é dado prever. Não foi em vão que a providencia te fez apparecer; e pois que te evocou de um tumulto, deves por ventura de saber segredos que dos outros mortaes ignoraios. Não importa que os que a si mesmo se despreciação, os que não se julgão nascidos para algum fim, os que pensão que existem arrojados casualmente neste mundo como pedras no poço da vida, os que negão a previsão da intelligencia suprema, a divindade do espirito humano, e o seu imperio sobre o mundo, vacilem e definhem. Tu, porém, que tens fé e crença, porque dentro de ti sente, a voz divina que l'as dita, prosegue sereno a pesar das tempestades que pretendem afogar a inspiração sublime, com a qual te remontas a regiões desconhecidas.

Da Redacção.

O MANACA'.

Coitadinha, mimosa flôr !

Multi-corada ella tão modesta vive no brejo, sem que alguém a veja.

Occulta-se como si não fosse formosa, e tão cheia de vivas côres como a rosa, e tão fragante como o jasmim.

Ninguém falta d'ella. Escondidinha como a violêta, é melhor ainda que esta florinha. E a sua sorte é tão mesquinha !

Coitada, mimosa flôr !

Como o arco-iris, que representa o pacto entre o senhor do Céu e os homens da terra, ella brilha as suas côres a um raio solar perdido, que vai á fonte beija-a por entre as espinhosas folhas do gravatú, e ainda assim esse brilhar é tão dubioso, tão modesto, como o apparecer de um seio de virgem ao albôr descorado de uma odorifera matina.

Flôr modesta ! flôr candida, da-me a tua placidez e teu invejado existir; flôr rubra, da-me o teu fogo que não arde para acender a minha alma na poesia; flôr roxa, da-me essa tua saudade do Céu para eu senti-la pela minha amada, e tambem por Deus.

E eu te cantarei, coitada, mimosa flôr !

E heide fazer-te a rainha das flôres, porque outra não ha como tu.

L. C. A. Junior.

Um pensamento de mãe.

Meu Deus, porque a extrema sensibilidade de uma mulher ha de torna-la tão intelligente para perscrutar no fundo do coração d'aquelle a quem ama qualquer mudauça que ali appareça, antes mesmo que este coração se lhe resinta ?

Será para a mulher soffrer mais do que já soffre no mundo ; oh ! se a mulher não fór muito religiosa tornar-se-ha um ente bem digno de compaixão !

O que mais poderá sustentar sua resignação ?

As felicidades, que dizem, que ella goza, os predomínios, que assegurão que ella possui, são falsos e apparentes.

Menos uma, a qual nem todas a tem, e que depois da religião da-lhe uma magnanima coragem para supportar a sua sorte de mulher.

E' a MATERNIDADE.

E.



AMOR ETERNO.

I.

Já quando, minha Enaira, ás cãs nevadas
 Bem pouças me restando a fronte ornarem ;
 Já quando, minha Enaira, a mente minha
 Não puder idêtar um pensamento,
 Que brilhe de poesia co'essa rima
 Suave e natural que tu m'inspiras :
 Já quando, minha Enaira, a minha dextra
 Debil, sem fôr descarnada e tremula
 Não mais engrandecer, levar teu nome
 Lá onde os homens immortaes se tornão ;
 Já quando, minha Enaira, a voz de fra

Superar não puder meus frios lábios,
E os próprios lábios se tornarem mullos;
Inda assim oh! Enaira, a mão esquerda
Do velho já sem força e moribundo
Pousará sobre o peito, e os olhos haços
Derramando em teu rosto só ternura,
Te dirão—Inda eu amo, inda em meu peito
Palpita o coração!... O próprio fado,
O mesmo tempo, que consome as rochas
E consumiu meu corpo e a minha vida,
Não pôde consumir o amor que nutro.

II.

Dous minutos depois, Enaira bella,
Terei deixado de existir no mundo,
A Parca os olhos meus terá cerrado,
O próprio coração que antes batia
Deixará de bater—estarei morto....
— Tu, Enaira meu bem, chora-me a perda;
Mas não blasfemes por eu ter morrido,
Qu'eu, lá no Céu de Deus que adoro tanto,
Ainda te heide amar, inda minha alma
Hade sentir por ti qual sente o peito.
E quando também tu, deixando a terra
Em branca nuvem para o Céu voares,
O mesmo Deus, Enaira, hade ligar-te
Ao fido amante que no Céu te espera,
E ligados por Deus nós sentiremos
Sem limites amor, amor eterno.

F. C. do Amaral.

LINGUAGEM DAS FLORES.

Continuação.

Depois do estenoso artigo sobre as rosas, dirá
alguem—ah! vem a confraria dos *cravos*; e de-
pois virão as *camélias*, *dhalias*, *jasmims* e... Isto
de escriptores tem seus caprichos; ora eu que me
metti com as caprichosas flores, por que se ha
cozas que neste mundo tenham caprichos, são
ellas, e que não será? Pois declaro-lhes, minhas
estimadissimas leitoras, que ficarão logradas;
foi meu capricho deixar desapontadas aquellas,
que esperavão pelos *cravos*, e as que almejavão
pelas *camélias*, e as que suppunhão, lá com os
seus babadinhos, que os *jasmims* devião ter a
preferencia. Quantos *moxoxos* não estou ouvindo!
Quantas jurinhas de vingança ao procura-
rem com avidez a — linguagem das flores — e,
acharem-se em branco com a logração! E com
effeito esses *moxoxos*, essas jurinhas são justas,
porque depois de vos apresentar a — rainha das
flores — a *Rosa* ataviada com todas as louçainhas,
com seus caprichos e bellezas, devia offerecer-
vos o rei das flores — o *Cravo* — também adorno
de suas purpuras, caprichos e elegancia.
Mas o que direis quando vos lembrardes de que
entramos no inverno, e que forçoso é fallar deste
senho: que em outros paizes vem regelado e
rebuçado em longos mantos forrados de armi-
nhos e de pellucias, aquecido por fogareiros e

tripodes, mas que neste bello clima do Rio de Janeiro
passa por uma risonha primavera de alguns
classicos paizes da velha Europa! Vejamos
pois o que Mme. de la Tour diz do

INVERNO.

FOLHAS SECCAS. — *Tristeza melancolia.*

« Chega o inverno; as arvores perdem a ver-
dura depois de se terem despojado de seus fru-
ctos: o sol caminhando em retirada derrama sobre
as arvores cores sombrias e melancolicas: o
alano reveste-se de descorado amarello, em
quanto que a *acacia* dobra os delicados foliolos,
que os raios do sol não tornarão a despertar se-
nã para se abrirem na seguinte primavera: to-
davia a *betula* deixa fluctuar a longa coma, já
privada dos seus ornamentos, e o *abeto*, que tem
de conservar a verde pyramide, abalancea com
arrogancia nos ares. Vê-se o *carvalho* immobill
resistir aos esforços dos ventos, que não souberão
despojal-o do magestoso cimo; mas o rei das
florestas cederá na primavera seguinte as folhas
avermelhadas pelo inverno a novos rebentos.
Parecem todas essas arvores agitadas por pai-
xões diversas: uma se inclina profundamente
como que se quizesse render homenagem a
aquella que a tempestade não pôde abalar; ou-
tra mostra querer abraçar a companheira, apoio
de sua fraqueza; e emquanto que ellas confun-
dem e misturão os desgarnecidos ramos, outras
se agitam em todos os sentidos, como que se es-
tivessem cercadas de inimigos; o respeito, a
amizade, o odio, a colera passao successivamente
de umas ás outras. Açoitadas assim por todos os
ventos, e como que devoradas por todas ás pai-
xões, deixão ouvir longos gemidos semelhantes
ao barburinho de um povo em alarma; não ha
voz dominante; é um sussurro profundo, mono-
tono, que precipita a alma em uma vaga distrac-
ção; frequentemente a vista se occupa com
espessas nuvens de folhas, que sem vitalidade
se desprendem das arvores, e que cobrem o solo
de um tapete mortuario. O espirito maravilha-
se a contemplar a tempestade que as impelle, as
disperça, as agita e atormenta estes tristes des-
pojos da primavera que acabou.

Por esta razão fizerão das folhas seccas o em-
blema da *tristeza* e da *melancolia*; porque nada
ha de mais triste e melancolico do que os cam-
pos da Europa em tempo de inverno.

O inverno no Rio de Janeiro bem se pôde
comparar a uma primavera daquelles paizes
como já dissemos; mas como nos nossos mezes
desta estação ha poucas flores, e com algumas
excepções, de pouca estima, a não serem as ro-
sas sempre bellas e sempre respirando pura
fragancia, para supprir a falta que ellas vão cau-
sar nos nossos salões, e nos nossos jardins, jul-
gamos a proposito remontar-nos ao uso que
os antigos sabião fazer das cores.

Nesses felizes tempos cavalleirescos, em que
a belleza distribuia corões, em que todas as fes-
tas erão jogos guerreiros, em que todos os jogos
erão uma homenagem á gloria e ás damas, sen-
tiu-se a necessidade de criar uma nova lingua-

gem, que, fallando-se sómente com os olhos, podesse exprimir sentimentos que a boca não ou-sava proferir. Tal foi a origem dessa engenhosa união de divisas e de côres que distinguio os cavalleiros.

Se um amante, desesperado, se apresentava na liça, provava seu amor por prodigios de valor, porém se no pendão e charpa havia mistura das côres vermelha e violeta, annunciavão ellas a perturbação de sua alma. Se depois da victoria, a dama de seus pensamentos estava decidida a pôr termo a seus tormentos, apresentava-se no dia seguinte com a côr verde do pilriteiro ligada com listões encarnados que significavão—*esperança no amor*.

A côta d'armas tinta de cinzento arruivado indicava que a *gloria afastava o cavalleiro de mais doces combates*. O amarelo unido ao verde e violeta testemunhava que *tudo se tinha obtido da belleza a quem se amava*; não era permitido porém encontrarem-se estas côres entre os guerreiros modestos.

Depois destes tempos os antigos forão mais longe; e a arte de fazer fallar as côres foi levado a tão alto grão de perfeição, que até se chegou a compôr com ellas o vestido moral do homem e da mulher. Citamos algumas passagens de um livro tão curioso como singular intitulado—*Le langage des couleurs en armes, livrées et divises*.

Continua.

QUE DESAPONTAMENTO!

A mania dos *albums* data de longos annos como vemos pelo facto que passamos a narrar.

« Um barão allemão emprehendeu uma longa viagem—em 1710—para ir a Paris pedir a Mme. Dacier que escrevesse no seu *album* qualquer cousa, ao que, depois de muito instada, se prestou a dita senhora, que escreveu o seguinte verso de Sofocles—*O silencio é o dom mais precioso da mulher*.—O desapontado barão maldisse a hora em que com tantos sacrificios procurára a eximia litterata, e nunca mais fez pedido igual a pessoa alguma.

AOS CRITICOS.

As tragedias de Corneille forão acrimoniosamente censuradas pelos criticos de então. Quando elle publicou a que tem por título—*Os Horacios*—advertirão-n'o de que se ia imprimir um opusculo em que se abocanhava a sua obra. Corneille então respondeu á pessoa que lhe deu parte disso, o seguinte:—« Horacio foi condemnado pelos decemviros, mas foi absolvido pelo povo. »

L. de B.

MISTERIOS DEL PLATA. (')

Com o mundo começou uma luta que so com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucha.

MICHELLET, Historia de França.

Ultimo Capitulo.

A FUGA.

No sabbado designado por Anderson, a noite estava escura, alguns chuviscos precusores do *Pampero* vinhão de hora em hora, e a brisa refrescava por intervalos; no Céu escuro e nu-blado nem uma estrella....

Oito horas da noite dão os sinos das igrejas.

Um homem de figura delicada, de passo breve que elle alarga o mais possível, rebuçado em uma capa militar, se dirige de um bairro afastado da cidade para a margem do rio—leva pela mão, dabaixo do capote, um menino como de nove ou dez annos de idade.

O desconhecido a quem vamos seguindo, cruza as ruas com passo precipitado, vira a cabeça para ver se é espreitado, e quando ao longe divisa um grupo de homens ou alguma patrulha, retrocede sobre seus passos e toma outra rua, ou entra n'alguma casa que encontra aberta, enfia o corredor, e evita todo o encontro possível.

Depois de tres qua tos de hora de accelerada marcha o homem do capote chega á esquina de *Sotocá*; a venda, cheia de marujos de todas as nações, deixava para a rua a luz avermelhada do lampeão que se balançava á entrada, onde se lia em diferentes linguas:

Hospedagem de noite.

O desconhecido atravessa a calçada opposta onde reina a mais profunda escuridão, e começa a descer a ribanceira do rio.

— Já estamos na *Alameda*; balbucia o desconhecido; e se dirige para o lado do *Retiro*, tendo cuidado de tomar a margem do rio. Por fim exausto de fadiga senta-se com o menino, em um dos bancos mais retirados e quasi cubertos pela corpulenta ramagem de um *Ombú*.

Nove horas davão ao longe.

Do lado mesmo do *Retiro* um homem se aproximava fumando; o nosso desconhecido tira tambem da algibeira um cigarro e adiantando-se em direcção ao fumante lhe disse em inglez:

— Faz obsequio do seu lume,
— Estou ás ordens, responde o outro.

Então todos dous e o menino afastão-se dali algumas braças.

Outro individuo, vestido de semi-official, se adianta para os dous fumantes, e lhes diz em italiano:

— Faz obsequio do seu lume,
— Ora sempre; responde o sujeito do capote.

Então todos tres e o menino descêrão ao rio. Os dous fumantes e o menino forão carrega-

(') Vide o n. 26.



DAVID

dos, pequena distancia, até á balieira que os esperava; o terceiro, que era o patrão, foi por dentro d'agua.

Chegarão a bordo. Ali havião quatro soldados, os marujos assim como o patrão todos vestião o uniforme dos empregados de Rosas.

A pequena embarcação se afasta á força de remos.

Todos guardão um profundo silencio.

A balieira voa sobre as ondas cri talinas do rio; e o patrão sentado ao leme acaricia os bordos da fragil embarcação, assim como o cavalleiro acaricia seu cavallo na carreira, como se o animal pudesse comprehender sua muda linguagem.... Também a esguia balieira, como se instincto tivesse, parecia voar mais rapida: sendo o desejo de seu dono.

Não sei, porém aquelle barco, sombrio e rapido, cheio de vultos mudos e immoveis, no meio das trevas, sem outro ruido que o movimento leve dos remos e da quilha rompendo a corrente, parecia ter alguma cousa de fantastico.... Sem a obscuridade que a todos envolvia; poderia adivinhar-se que todas aquellas figuras firmes e silenciosas erão as personagens de um drama senistro, cujo desfecho poderia ser a morte de todos.

Dez horas.—

Ouvião-se as lentas badaladas do sino, que fendendo o ar enviarão lá bem longe o echo solenne do bronze, que vai marcando os instantes da no-sa vida.

Mais alguns minutos a balieira atraca ao Ponton.

Dick passeava sobre o convés amaldiçoando o lento decorrer do tempo, porque durante sua semana de guarda só bebia a serveja e o rhum com agua, e esperava com ancia o momento de render-se a guarda para tomar a sua mona do costume.

—Quem vive? diz a sentinella da pópa—

—A Patria— contesta Anderson—

—Que gente?

—Primeiro commandante do Ponton—

—Oh! grita Dick—bem vindo seja!

—As ceremonias do costume para o recebimento de um chefe seguem-se, e Anderson salta a bordo acompanhado do desconhecido de capote—

—Que novidades temos? pergunta Dick—que diabo de equipagem é esta?!

—O Sr. traz uma ordem do Sr. Governador para Vmc., e eu tambem recebi outra a poucos momentos. Anderson designou o individuo a quem seguimos desde o principio deste capitulo.

A luz dos lampeões de bordo podemos examinal-o.

Era um moço de fórmas delicadas, cujo rosto estava coberto em grande parte por barbas e bigodes pretos e compridos; a pala de seu boné militar cobria-lhe a testa e os olhos; seu vestuario e insignias erão de capitão de caçadores.

—Queira Vmc. inteirar-se do conteudo do presente de pacho e cumprir á risca as ordens que lhe transmitté S. Ex.—disse o moço official t-

rando um officio do peito da fardeta e apresentando-o a Dick.

O inglez olhou de cima para baixo o mensageiro do restaurador, tomou o papel que lhe era apresentado, e disse lá com os seus botões—que voz de maricas tem o tal Capitão...

O officio estava em toda fórma e rigor official, e seu conteudo era o seguinte:

« Viva a Confederação Argentina!

« Morrão os selvagens unitarios!

« O official superior, de guarda a bordo do Ponton, porá ás ordens do official portador da presente communicação, o capitão Dom Manuel Torres, os dois presos políticos, selvagem unitario coronel Manuel de Pugredon e selvagem unitario Dr. Valentim Alsina, os quaes devendo ser fuzilados esta noite no quartel do Retiro, convém que sejam acompanhados até o logar da execução pelo outro official superior que estiver de folga de serviço a bordo do Ponton, afim de lavrar a competente acta, com que ficarão ambos responsaveis pela entrega e supplicio dos dois selvagens unitarios acima mencionados. E para que assim se execute e cumpra á risca, firmo a pre. eute do meu punho e letra.

« Deus guarde a vmc., &c. » Seguia a data do logar, anno, dia e mez e a assignatura de Rosas no espaço do costume.

Anderson mostrou tambem a ordem que recebera; o inglez, leu duas vezes, comparou, preencheu todas as formalidades do estylo, e chamando um cabo e quatro soldados, ordenou que trouxessem os presos que a ordem designara.

— Pobres diabos, accrescentou Dick, vão morrer esta noite! Sempre é melhor que estarem ahí a padecer.

Um! um! resmungou Anderson; e foi toda a resposta que obteve a compaixão negativa do inglez.

Dois espectros carregados de ferros, apparecerão sobre o convés.

Foi necessario descel-os á balieira.

Os officiaes Anderson e Torres descêrão tambem.

— Até logo, Mr. Dick, disse Anderson.

— Até logo, respondeu Dick, estimarei que isso não leve muito tempo.

A balieira começou a afastar-se.

Dick tornou a continuar o seu passeio sobre o convés, dizendo—O jankee está muito cheio de attentções hoje comigo!

A balieira remou algum tempo em direcção á terra do lado do Retiro, depois virando de bordo, fez proa ao Oriente, largou a vela, os remadores redobrarão de energia, e a brisa refrescando tambem parecia favorecel-os.

Os presos, que depois de tantos mezes sepultados nas enxovias do Ponton, respirarão com difficuldade o ar fresco da noite, estavam tão atordoados que não sabião o que lhes acontecia.

— Vamos ser fuzilados? perguntou Alsina virando-se para o desconhecido do capote que lhe ficava ao lado.

A inflexão daquella voz que ha tanto tempo não ouvira, o supposto Torres não resiste mais,

e aperta contra seu coração um esposo adorado! Manoel Torres, o enviado do governador, não era outro que a Sra. de Alsina!

Adolfo, escondido no fundo da balieira, abraça os joelhos de seu pai, e todos tres unidos em apertado abraço não fallão... suas lagrimas se confundem, suas mãos estreitam-se... para que dizer mais... essas emoções sentem-se, mas não se explicão!

Lastardo ao leme respira com difficuldade, e seu olhar querendo penetrar as trevas, tão depressa, interroga o Céu, o vento, a corrente, como procura no espaço que já percorrerão se apparece algum ponto longiuo!

Anderson, com um excellente oculo de noite, não deixa tambem o posto de observação, porque desde que a pelle e a algibeira estão no jogo, já não faz mais—hum, hum,—quando lhe fallão.

Os valentes marujos estão contentes a não poder occultal-o por mais tempo; a *Joven Italia* vóa sem repouso impellida pela brisa que mais e mais refresca

Ao romper do dia, passageiros, tripulação e chefes, todos saltavão em terra na Colonia do Sacramento, terra tão formosa, tão fertil, cujo bem situado porto figurará algum dia no nosso querido Plata.

Alsina estava livre!

Sua dedicada esposa quebrára seus ferros!

Consignando nos annaes immortaes da nossa historia o facto mais estrondoso da coragem de uma esposa e de uma mãe!

Que resolução, que valor sem igual para arrostar tantos perigos que a cercavão! E ella tão firme, tão serena!

Quando os nossos amigos saltarão na terra hospitaleira, á vista da Colonia cruzava a escupa de guerra

Federal Neto.

Mas na Colonia estava Estevão com trezentos bravos!

Alsina estava livre!

NOTA DA AUTORA.

Comecei a esboçar este romance em Philadelphia, em 1846; foi concluido na fortaleza de

Garavati, onde morei cinco mezes, em fins de 1849 e principios de 1850.

Temia publical-o, porque a mór parte das personagens vivas ainda, sobretudo Rosas não me perdoaria facilmente a revelação de factos, que muitos não acreditão, e são pela nossa desgraça as-ás veridicos.

Os *Mysterios del Plata* não são mais do que o começo de uma serie de romances historicos que apparecerão mais tarde, se me fór possível dar-lhes publicidade; o epilogo do presente romance não é possível por ora publicar-se no *Jornal das Senhoras* por inconvenientes independentes da nossa vontade; mas estamos disposta, sempre que acharmos cooperação, a fazer uma edição dos *Mysterios* acompanhada então do epilogo.

Como sabeis, leitoras, depois da queda do tyranno, Alsina foi chamado ao ministerio. Assin devia de ser: hoje pediu a sua demissão e se retirou á vida privada; é a ultima prova que esperavamos da virtude do nosso heróe, a quem mais ainda uma vez prestamos nossa homenagem de admiração e respeito.

Rio de Janeiro, 2 de Junho de 1852.

Joanna Paulo Manso de Noronha.

A significação da 1ª charada é —
FUNDADOR—e da 2ª — SARACURA.

Rogamos mais uma vez aos nossos assignantes da Córte e Provincias, que tenham a bondade de mandar renovar suas assignaturas á casa dos Srs. Mongie n. 80, e Wallerstein n. 70, na rua do Ouvidor.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma pegada de musica.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN e COMP. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 97 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS e SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por seis mezes 60000 rs. na Córte, 70000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.